Nādabindu Upaniṣad
(Ṛgveda. Nº 38[1]. Yoga)

Esta é a Upaniṣad do Som Semente, o Praṇava Mantra, Om, Oṃkāra. Nāda significa som e bindu 'uma partícula destacada, gota, glóbulo, ponto, mancha'. – Monier Williams. Nāda é, 'no yoga, o som nasal representado por um semicírculo e usado como uma abreviação em palavras místicas'. – Id. De acordo com Deussen, em *Sixty Upanishads of the Veda*, a palavra se refere ao som nasal de zumbido ou tom no qual esse som Om se desvanece.

Esta Upaniṣad 'trata da obtenção de Videhamukti [libertação através do livramento do corpo, isto é, libertação após a morte], como o resultado da aniquilação dos três tipos de karma[2], por aqueles que estão equipados com o recurso do Nāda, através da exposição da real natureza do Brahman Absoluto, após tratar dos meios de alcançar Brahman em seu aspecto qualificado, por aqueles que possuem o conhecimento do Brahman qualificado indicado pelo Praṇava em seu aspecto Vairāja [de Virāj]'. – T. R. Srinivasa Ayyangar.

A tradução em inglês é a de K. Narayanaswami Aiyar, em *Thirty minor Upanishads*, os subtítulos são da tradução de T. R. Srinivasa Ayyangar em *The Yoga Upanisads*.

Eleonora Meier
Dezembro de 2016.

Invocação

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador, que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Que haja paz em mim!
Que haja Paz em meu ambiente!
Que haja Paz nas forças que agem sobre mim!

---

[1] Da lista da Muktikopaniṣad, que nos versos 30-39 enumera 108 Upaniṣads.

[2] Que são: *saṃcita* (acumulado, que dará resultado em vidas seguintes), *prārabdha* (iniciado, maduro e vigente), e *āgāmi*, (vindouro), o que está sendo criado em nossa vida diária, ou *kriyamāṇa* ('sendo feito'), que 'é intercambiável com *āgāmi karma* já que ambos se referem ao que é feito no momento presente, mas *kriyamāṇa* tem mais a ver com o exercício do nosso livre arbítrio para fazer escolhas no presente'. - Stephen Sturgess.

A forma real do Vairāja-Praṇava

1. A sílaba [ou letra] A é considerada a asa direita (da ave Om), U, a esquerda; M[1], sua cauda; e a ardhamātrā [meia-métrica[2]] é dita ser sua cabeça.
2. As qualidades (rajásicas e tamásicas) suas pernas (até os quadris); Sattva, seu corpo (principal)[3]; dharma é considerado como seu olho direito, e adharma, o esquerdo.
3. O Bhūrloka está situado em seus pés; o Bhuvarloka, em seus joelhos; o Suvarloka [Svarloka] em seus quadris, e o Maharloka, em seu umbigo.
4. Em seu coração situa-se o Janoloka [Janaloka]; o Tapoloka em sua garganta, e o Satyaloka no centro da testa entre as sobrancelhas.

O fruto da Vairāja-Vidyā

5a.[4] Então a mātrā (ou mantra) além do Sahasrāra (de mil raios) é explicada (isto é,) deve ser explicada.
5b-6a. Um perito em yoga que monta o Haṃsa (ave) dessa maneira, (ou seja, medita sobre o Om,) não é afetado por influências kármicas nem por dezenas de crores[5] de pecados[6].

A forma real do Praṇava composto das quatro mātrās principais

6b-7. A primeira mātrā [Akāra[7]] tem Agni como sua devatā (divindade presidente [Virāj]); a segunda [o símbolo U], Vāyu como sua devatā [o Sūtrātman]; a mātrā seguinte [M, o Bījātma] é resplandecente como a esfera do sol e a última, a ardhamātrā, os sábios conhecem como pertencente a Varuṇa (o deus que preside as águas).
8. Cada uma dessas mātrās têm de fato três kalās (partes[8]). Esse se chama Oṃkāra. Conhece-o por meio das dhāraṇās, isto é, concentração em cada uma das doze kalās, (ou as variações das mātrās produzidas pela diferença de svaras ou entonação).

---

[1] O comentador diz que M é a última letra e, portanto, a cauda, e ardhamātrā é a cabeça, uma vez que permite atingir os mundos superiores.
[2] [Mātrā significa 'unidade métrica, uma mora ou instante prosódico, isto é, o tempo necessário para pronunciar uma vogal curta (uma vogal longa contém 2 mātrās e uma vogal prolatada 3)'. – Monier-Williams].
[3] Outra leitura é: As qualidades são seus pés, etc., e Tattva é seu corpo.
[4] ["Neste Vairāja-Praṇava está realmente revelado o (Oṃkāra) Mantra (que contém o A) de mil membros, (segundo um texto vêdico que diz: 'A letra A é composta de mil membros'). O adepto de Haṃsa-yoga (concentração na concepção 'Eu sou esse Virāj') que dominou essa Vairāja-Vidyā não é afetado em absoluto pelas centenas de miríades de pecados devido ao seu karma'. – Ayyangar].
[5] [1 crore = 10.000.000].
[6] Comentário: uma vez que este mantra já ocorreu no khaṇḍa precedente da mesma śākhā, ele é simplesmente mencionado no texto. O significado parece ser: as letras A e U são as duas asas do Haṃsa (Om) da forma de Viṣṇu que vai para Svarga, a morada de Sūrya, o Deus de mil raios; essa sílaba, Om, portando em seu coração todos os devas (de sattvaguṇa). Ele vai até Sahasrāra vendo os mundos pessoalmente; Sahasrāra sendo a sede do sol espiritual.
[7] ['Um som seguido por 'kāra' é o nome daquele som' etc. Veja a minha tradução da *Akṣamālika Upaniṣad* em português, verso 5].
[8] [Durações, segundo Ayyangar: presente, passado e futuro].

Os detalhes das doze diferentes mātrās do Praṇava consideradas individualmente e coletivamente

9-11. A primeira mātrā se chama Ghoṣiṇī; a segunda, Vidyunmālī (ou Vidyunmātrā, [Vidyut]); a terceira, Pataṅginī; a quarta, Vāyuveginī; a quinta, Nāmadheyā; a sexta Aindrī; a sétima, Vaiṣṇavī; a oitava, Śāṅkarī; a nona, Mahatī; a décima, Dhṛti (Dhruva, ed. Calcutá); a décima primeira, Nārī (Maunī); e a décima segunda, Brāhmī[9].

Benefícios derivados pelos devotos por morrerem em mātrās específicas

12. Se um homem morre na primeira mātrā (enquanto contempla sobre ela) ele nasce novamente como um grande imperador em Bharatavarṣa.
13. Se na segunda mātrā, ele se torna um yakṣa ilustre; se na terceira mātrā, um vidyādhara; se na quarta, um gandharva.
14. Se ele morre na quinta, a saber, ardhamātrā, ele vive no mundo lunar [Soma-loka], com o posto de um deva muito glorificado lá.
15. Se na sexta, ele se funde em Indra, se na sétima, ele alcança a sede de Viṣṇu; se na oitava, Rudra, o Senhor de todas as criaturas [paśus].
16. Se na nona, Maharloka; se na décima, Janoloka (Dhruvaloka, ed. Calcutá); se na décima primeira, Tapoloka, e se na décima segunda, ele atinge o eterno estado de Brahmā[10].

A forma real do Brahman sem qualidades e o fruto de conhecê-lo

17. O que está além deles, (ou seja,) Parabrahman que está além (das mātrās acima), o puro, o onipenetrante, além das kalās, o sempre resplandecente e a fonte de todas as jyotis (luzes), deve ser conhecido.
18. [11]Quando a mente vai além dos órgãos e dos guṇas e está absorta, não tendo uma existência separada nem ação mental, então (o guru) deve instruí-lo (quanto ao seu novo rumo de desenvolvimento).
19. Esse homem sempre empenhado em sua contemplação e sempre absorto nisso deve gradualmente abandonar seu corpo (ou família) seguindo o curso de yoga e evitando todas as relações com a sociedade.
20. Então ele, estando livre dos laços do karma e da existência como jīva e sendo puro, desfruta a felicidade suprema por sua obtenção do estado de Brahman[12].

---

[9] Comentário: As quatro mātrās são subdivididas em doze por terem cada uma três svaras, (udātta, anudātta e svarita). Aqui o autor prossegue dando os nomes das doze kalās e mostra o método de praticar dhāraṇā em cada uma. Ghoṣiṇī é a que dá Prajñā; Vidyunmālī é a que assegura a entrada no loka de Vidyunmālī, o rei dos yakṣas; Pataṅginī é a que confere o poder de movimento através do ar como a ave Pataṅginī; Vāyuveginī é a que dá o poder de se mover muito rapidamente; Nāmadheyā significa aquela que concede existência em Pitṛloka; Aindrī em Indraloka; Vaiṣṇavī e Śāṅkarī em Viṣṇu e Śiva-lokas respectivamente; Maunī no loka dos Munis ou Janoloka e Brāhmī em Brahmaloka.

[10] Eterno aqui significa o tempo de vida de Brahmā.

[11] Outra edição diz: ele deve entrar através do yoga no incomparável e quiescente Śiva.

[12] Aqui a edição de Calcutá para.

Indagação sobre a existência ou não do karma prévio de um homem de conhecimento

21. Oh homem inteligente, passe a sua vida sempre no conhecimento da felicidade suprema, desfrutando de todo o seu prārabdha (aquela parte do karma passado agora sendo desfrutada) sem fazer nenhuma reclamação (disso).
22-23a. Mesmo depois que o ātmajñāna (conhecimento de Ātman ou Eu) despertou (em alguém), prārabdha não (o) deixa; mas ele não sente prārabdha após o despertar de tattvajñāna[13] (conhecimento de tattva ou verdade) porque o corpo e outras coisas são asat (irreais), como as coisas vistas em um sonho para alguém ao acordar dele.
23b-24. Aquela (parte do) karma que é feita em nascimentos anteriores e chamada prārabdha não afeta de modo algum a pessoa (tattva / jñāni), porque não há renascimento para ele. Como o corpo que existe no estado de sonho é falso, assim é este corpo.
25a. Onde então há o renascimento para uma coisa que é ilusória? Como pode uma coisa ter alguma existência, quando não há nascimento (para ela)?
25b-26a. Como a argila é a causa material do pote assim se aprende do Vedānta que ajñāna [ignorância] é a causa material do universo e, quando ajñāna deixa de existir, onde então está o Cosmos?
26b-27. Como uma pessoa por ilusão confunde uma corda com uma serpente, assim o tolo, não conhecendo Satya (a verdade eterna), vê o mundo (como verdadeiro). Quando ele sabe que é um pedaço de corda a ideia ilusória de uma serpente desaparece.
28-29a. Assim, quando ele conhece o eterno substrato de tudo e todo o universo se torna (portanto) vazio (para ele), onde então está prārabdha para ele, o corpo sendo uma parte do mundo? Portanto, a palavra prārabdha é aceita para esclarecer os ignorantes (somente).
29b-30. Então, conforme prārabdha, no decorrer do tempo, se esgota, aquele que é o som resultante da união do Praṇava com Brahman que é a própria refulgência absoluta, e que é o concessor de todo bem, brilha como o sol quando as nuvens se dispersam.

Aplicação da mente ao Nāda, o meio de obter o conhecimento do Turīya

31. O iogue estando na (postura) siddhāsana e praticando a vaiṣṇavī-mudrā[14] deve sempre ouvir o som interno através do ouvido direito.
32. O som que ele assim faz o torna surdo para todos os sons externos. Tendo superado todos os obstáculos, ele entra no estado de Turīya dentro de quinze dias.
33. No início de sua prática, ele ouve muitos sons. Eles aumentam gradualmente de tom e são ouvidos cada vez mais sutilmente.

---

[13] Tattvajñāna é o discernimento dos tattvas deste universo e do homem. Ātmajñāna o discernimento do Ātman ou do Eu no homem.
[14] [‘Centrar a mente em um objeto interno enquanto seus olhos estão olhando para fora sem fechar nem abrir as pálpebras é chamado de *Vaiṣṇavī Mudrā*. Isso é mantido oculto em todas as obras tântricas’. – *Śāṇḍilya Upaniṣad*, 31].

34. A princípio, os sons são como aqueles provenientes do oceano, das nuvens, do tambor e das cataratas; na (fase) intermediária aqueles provenientes do mardala (um instrumento musical), do sino e do chifre.
35. Na última etapa, aqueles que vêm dos sinos tilintantes, flauta, vīṇā (um instrumento musical), e abelhas. Assim ele ouve muitos sons como esses cada vez mais sutis.
36. Quando ele chega àquela fase quando o som do grande timbale está sendo ouvido, ele deve tentar distinguir apenas sons cada vez mais sutis.
37. Ele pode mudar a sua concentração do som grosseiro para o sutil, ou do sutil para o grosseiro, mas ele não deve permitir que sua mente seja desviada deles em direção a outros.
38. A mente tendo se concentrado a princípio em algum som se fixa firmemente nele e é absorvida nele.
39. Ela (a mente) tornando-se insensível às impressões externas, torna-se una com o som como o leite com a água, e então vem a ser rapidamente absorvida em Cidākāśa (o Ākāśa em que Cit prevalece) [o Éter da Consciência].
40. Sendo indiferente a todos os objetos, o iogue, tendo controlado suas paixões, deve pela prática contínua concentrar sua atenção no som que destrói a mente.
41. Deixando de lado todos os pensamentos e estando livre de todas as ações, ele deve sempre concentrar sua atenção no som, e (então) sua citta [mente] se absorve nele.

O poder do som de cativar a mente

42.43a. Como a abelha que bebe (apenas) o mel não se importa com o odor [da flor], assim a citta [mente], que está sempre absorta no som, não anseia pelos objetos dos sentidos, pois ela está atada pelo doce cheiro do Nāda e abandonou sua natureza fugaz.
43b-44a. A serpente[15] citta por ouvir o Nāda é inteiramente absorvida nele, e tornando-se inconsciente de tudo se concentra no som.
44b-45a. O som serve ao propósito de um aguilhão afiado para controlar o elefante enlouquecido – citta – que vagueia no jardim de diversão dos objetos dos sentidos.
45b-46a. Ele serve ao propósito de uma armadilha para amarrar o cervo – citta. Ele também serve como uma margem para as ondas do oceano de citta.

A forma real do Nāda do refúgio final

46b-47a. O som procedente do Praṇava que é Brahman é da natureza do esplendor; a mente se absorve nele; esse é o lugar supremo de Viṣṇu.
47b-48a. O som existe até que haja a concepção akásica (Ākāśa-Saṅkalpa). Além disso, há o Parabrahman sem som (Aśabda) que é Paramātman.
48b. A mente existe enquanto há som, mas com sua cessação (do som) há o estado chamado Unmanī de manas (ou seja, o estado de estar acima da mente).
49a. Este som é absorvido no Akṣara (indestrutível) e o estado silencioso é o assento supremo.

---

[15] [Esta é uma analogia com o encantamento de serpentes].

49b-50a. A mente que junto com Prāṇa (Vāyu) tem (suas) afinidades kármicas destruídas pela constante concentração em Nāda é absorvida no Imaculado. Não há dúvida disso.
50b-51a. Muitas miríades de Nādas e muitas mais de Bindus – (todas) vêm a ser absorvidas no som do Brahma-Praṇava.

A obtenção de Videha-Mukti pelos iogues que estão pousados no Nāda

51b-52a. Estando livre de todos os estados e de todos os pensamentos, o iogue permanece como um morto. Ele é um mukta. Não há dúvida disso.
52b. Depois disso, ele em nenhum momento ouve os sons da concha ou do dundubhi (tambor grande).
53. O corpo no estado de Unmanī é certamente como um pedaço de madeira e não sente calor ou frio, alegria ou tristeza.
54. A citta do iogue tendo abandonado fama ou desonra está em Samādhi acima dos três estados [vigília, sonho e sono].
55. Estando livre dos estados de vigília e sono, ele alcança o seu verdadeiro estado.
56. Quando a visão (espiritual) se fixa sem nenhum objeto a ser visto, quando o Vāyu (prāṇa) fica imóvel sem nenhum esforço, e quando a citta se torna firme sem nenhum apoio, ele vem a ser da forma do som interno do Brahma-Praṇava.
– Essa é a Upaniṣad.

Invocação

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador, que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Que haja paz em mim!
Que haja Paz em meu ambiente!
Que haja Paz nas forças que agem sobre mim!

Aqui termina a Nādabindu Upaniṣad, como contida no Ṛgveda.